

Pronta para as urnas, o que falta a Taguatinga é infra-estrutura urbana para abrigar população 15 vezes superior àquela para a qual foi projetada.

Como lembra um candidato, a cidade está para Brasília como o Nordeste para o Centro-Sul do País. Mas, para os candidatos, o que vale são os 127 mil eleitores. E haja campanha em cima deles, bombardeados sistematicamente por propagandas e promessas. Disputado palmo a palmo, o espaço político vem sendo trabalhado com astúcia pelo PFL, partido do administrador regional. Sem fugir à regra, ele se alia ao Super Zé e inaugura tudo que pode, antes do dia 15.

GIVALDO BARBOSA



Limpeza urbana é o maior problema da satélite

ADMINISTRADOR REEDITA ALIANÇA

Depois de fazer dois ex-administradores regionais de Taguatinga candidatos à Constituinte — um para o Senado, outro para a Câmara, de modo que não concorressem entre si —, o PFL, num golpe de mestre, emplacou na Administração Regional daquela satélite outro membro do partido: José Luiz Paro.

Com licença para o trocadilho, o que ele não faz é parar. Recebe de cinco a seis candidatos por dia, de todos os partidos. “às vezes, às sete da manhã, quando chego, tem candidato na porta esperando”. Mas Paro garante que só pode dar apoio pessoal e esse é do PFL, nas candidaturas de Benedito Domingos (Senado) e Valmir (Câmara), além de Maria de Lourdes Abadia (Câmara), ex-administradora de Ceilândia.

Se o interlocutor não aceitar sua sugestão de voto — que pode incluir o “amigo pessoal” Newton Rossi (PDC), “já que para senador são três e a gente fica à vontade” —, ele parte para indicações na esfera do PMDB: Pompeu de Souza, Carlos Murilo, Meira Filho e Lindberg Cury. “Talvez eu seja o único dos administradores regionais que mantém a Aliança Democrática verdadeira”, justifica.

INAUGURAÇÕES

Pelo menos ele assegura que convida todos os candidatos da Aliança, formada pelo PMDB e PFL, para as inaugurações que promove nessa reta final de campanha. Na próxima terça-feira, por exemplo, estará com o governador Aparecido, entregando à população, em meio a pedidos de votos, uma quadra de esportes polivalente e praça de lazer na EQNL 22/24; uma pista asfaltada de acesso ao ponto de táxi do HRT; obras de reforma da escola EIT; grama, arborização e calçamento da EPCT/Sul; um ponto de táxi e uma escola no Areal.

Há mais para inaugurar, o que muito provavelmente acontecerá na mesma semana, antes que os eleitores cheguem às urnas. Mas também há muito por fazer, como confessa José Luiz Paro, classificando a infra-estrutura urbana de “carente, mal planejada”, sem se dar conta de que seus principais candidatos administraram a cidade nos últimos anos. Para ele, Taguatinga “cresceu desor-

denadamente”, precisando atualmente de sistemas de água e esgoto replanejados.

O fato é que a cidade, projetada para ter 30 mil habitantes, tem 450 mil. Segundo o administrador, o que mais deixa a desejar no momento é a limpeza urbana, mais por culpa dos próprios moradores, segundo acusa. Também é problemático o setor habitacional. Não existem estatísticas do déficit, mas há muitas invasões e dezenas de lotes ocupados por cinco, seis famílias, além de vários apartamentos disponíveis para ven-

da e aluguel, encalhados por falta de poder aquisitivo da população.

Não há desemprego, segundo o administrador José Paro, embora ele calcule que 50% da população ativa trabalhem no Plano Piloto. “Tem obras da administração que estão atrasadas por flata de mão-de-obra. Quem está desempregado, é porque quer”, acrescenta, considerando a cidade privilegiada também no setor de saúde, onde conta com oito postos, um hospital geral e uma representação do INPS.

O problema de segurança, diz que é apenas reflexo do que acontece no resto do País, afirmando que o índice de criminalidade é, proporcionalmente, o mais baixo do Distrito Federal. Grave, para ele, é o problema da erosão dos setores N e L Norte, cujas ruas ficam intransitáveis quando chove.

CONTRASTE

Quem ouve o administrador regional e seu antecessor Valmir Campelo, hoje candidato a deputado-constituinte pelo

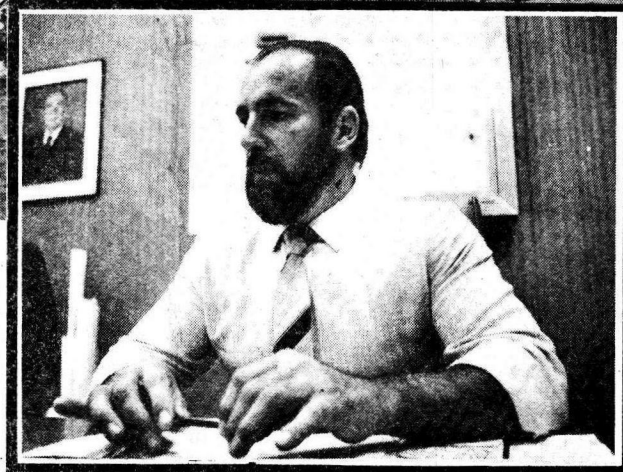
PFL, não entende nada. Enquanto o primeiro coloca o saneamento básico como um dos principais problemas da cidade, o segundo afirma que fez mais de 50% da rede de esgotos sanitários e hoje estão prontos mais de 95%. Mas é justamente por falta desses esgotos que a erosão ameaça setores residenciais de Taguatinga.

“Fizemos Taguatinga crescer rumo aos céus”, diz entusiasmado Campelo, contando que quando assumiu a administração regional, no governo Almé Lamaison, recebendo-a de Benedito Domingos, demitido porque queria colocar água em áreas de invasão, os prédios da cidade “parciam uns caixotes”. Ele, então, conseguiu aumentar o gabarito de 6 para 12 andares e a entrada de Taguatinga passou a ser “como a entrada de uma capital”.

Já seu antecessor, Benedito Domingos, o que mais fez em Taguatinga foi asfalto: completo nos setores QNE, QNH, QNG e parte de outros setores. Construiu um clube popular, o Parque Vivencial, reformou o Estádio, deixou pronto o Ginásio de Esportes, urbanizou áreas próximas a escolas. “Muita obra, para pouco tempo”, observa, lembrando que sua carreira foi bruscamente interrompida “simplesmente porque tive uma discussão com um coronel”.

Domingos aproveita a lembrança do episódio para justificar sua proposta de autonomia política para as cidades-satélites, com a eleição dos administradores. “Se eu tivesse sido eleito, aquilo não teria ocorrido”, afirma, lançando a idéia de criação de um conselho legislativo em cada satélite, com prerrogativas de Câmara de Vereadores. Quanto ao governador do Distrito Federal, acha que deve ser eleito na mesma chapa do Presidente da República: “Já pensou que conflito se o governador hoje fosse do PT? A população é que estaria prejudicada”, acrescenta.

Para o candidato do PFL ao Senado, o abismo que separa o Nordeste do Centro-Sul do País é semelhante ao contraste social verificado entre o Plano Piloto e as cidades-satélites. “Temos que fazer justiça social, através de melhores salários”, defende, contando que no setor de expansão da Ceilândia soube de uma senhora que tirou uma telha do barraco para vender e comprar comida.



José Luiz Paro recebe todos os candidatos